

BRINCADEIRAS E ESPORTES ADAPTADOS: UMA POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TODOS

MARIANA RODRIGUES DE ALMEIDA¹

JÉSSICA FERREIRA MENDONÇA²

RENATA DE SOUZA SANTOS³

BRUNO DANIEL SANT'ANA⁴

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Av. Fernando Ferrari, 514 - Goiabeiras, Vitória - ES, 29075-910, Brasil

maryralmeida@live.com

RESUMO

O presente trabalho discute, problematiza e relata experiências de formação docente tido com o conteúdo brincadeiras e esportes adaptados para alunos sem deficiência dos anos finais do Ensino Fundamental, vividas a partir de um movimento de integração com as disciplinas Estágio Supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental II; Ensino da Educação Física no Ensino Fundamental II; Educação Física, Adaptação e Inclusão; Família, Educação Escolar e Sociedade; e Seminário Articular de Conhecimentos VI da Universidade Federal do Espírito Santo, com o objetivo de mostrar as possibilidades de inclusão na Educação Física, independente de quem pratica.

Palavras – chave: educação física, inclusão, estágio supervisionado.

ABSTRACT

This paper discusses, question and report experiences on teacher education with the content of adapted games and sports for students without disabilities the final years of elementary school, tried in the integration movement with the disciplines Supervised Training in Physical Education in Primary Education II; Teaching Physical Education in Primary Education II; Physical Education, Adaptation and Inclusion; Family, School and Society Education and Articulate Seminar VI in the Federal University of the Holy Spirit, in order to show the possibilities for inclusion in physical education, regardless of who practices.

Key - words: physical education, inclusion, supervised training.

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade federal do Espírito Santo; e graduanda em Educação Física – bacharelado pela faculdade Pitágoras- Campus Guarapari.

² Graduanda em Educação Física – licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo.

³ Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo

⁴ Mestre em Educação; Pós graduação em Musculação e Personal Trainer; Graduado em Educação Física pela UVV-ES; Docente do Curso de Educação Física da Faculdade Pitágoras e da Rede Municipal de Guarapari-ES.

1. Introdução

A vivência do estágio supervisionado possui significância muito maior do que o simples cumprimento da carga horária exigida em nosso currículo, ao nos dar a oportunidade de criar uma ponte entre o conteúdo aprendido dentro da universidade e a prática dentro da escola e sociedade, possibilitando a construção do conhecimento através dos desafios vividos e de articular nossas ideias e saberes à atuação.

A experiência que será explanado neste artigo foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Éber Louzada Zippinotti”, localizada em Jardim da Penha, grande bairro de classe média⁵ de Vitória, Espírito Santo, por um período médio de um mês.

Nesse tempo, tivemos a oportunidade de intervir em cinco aulas para trinta e três alunos da 8ª série. Antes desse período de intervenção, visitamos duas vezes a escola para conhecermos o corpo pedagógico e sua estrutura física e organizacional.

Escolhemos como proposta de ensino, desenvolver um trabalho com brincadeiras e esportes adaptados, pois a turma se encontrava num período final no ensino fundamental e, segundo a professora regente, já construiu experiências com as modalidades esportivas tradicionalmente estabelecidas dentro da Educação Física escolar. Os esportes adaptados como conteúdo para alunos sem deficiência, ainda se caracteriza como novidade no contexto escolar e não encontramos trabalhos que apresentassem essa experiência, apenas como proposta de inclusão para alunos com deficiência. Acreditamos que a possibilidade de se vivenciar esse experimento poderia permitir aos sujeitos se perceberem em outras condições humanas, diferentes daquelas que já conhecem e vivem, e assim desenvolver a compreensão da diversidade de modos de interagir com o mundo.

Nessa perspectiva, colocamos como nossos principais objetivos nas aulas, que os alunos vivenciassem as brincadeiras e os esportes adaptados a fim de ampliar as experiências de movimento e do acervo da cultura, bem como desconstruir e ampliar o olhar em relação ao esporte e suas possibilidades; tivessem a percepção de si em diferentes condições humanas, com vistas a desenvolver a compreensão da diversidade; e entendessem as diferenças e as semelhanças do esporte tradicional e do esporte adaptado em suas dimensões sociais e culturais.

Para subsidiar este trabalho, buscamos artigos nas Revistas Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciências do Esporte e em alguns sites. Os descritores ou palavras-chaves que delimitaram a pesquisa foram: inclusão e esportes adaptados. Diante deles, encontramos artigos que tratam da história do esporte adaptado, da inclusão e exclusão nas aulas de educação física, e do uso do esporte adaptado nas aulas que apresentam alunos com algum tipo de deficiência. Então, dialogamos com Costa e Souza (2004), Amaral (1998) e Chicon e Sá (2010) para subsidiar a importância da nossa proposta.

Destacamos aqui duas questões que nortearão nosso artigo: quais foram os desafios e as possibilidades de trabalhar o conteúdo “brincadeiras e esportes adaptados” durante o estágio em nossa formação docente? Qual a relevância social de se desenvolver esse conteúdo na escola e os possíveis impactos do nosso trabalho na escola? Por fim, apresentaremos as contribuições do estágio para a nossa formação docente.

2. Metodologia

Este artigo tem como referencial teórico - metodológico a narrativa de formação, que se caracteriza pelo modo de narrar e problematizar nossa experiência do estágio.

⁵ Conforme informação no site http://www.jardimdapenhaonline.com.br/historia_bairro.asp

Entendemos que as experiências que adquirimos ao longo da nossa formação profissional, estarão em constante alternância de significados e construção de conhecimentos, por isso, há a importância de compartilhar essas experiências, que se tornam infinita e podem ser interpretadas e utilizadas por outros sujeitos. De acordo com Ventorim et al. (2011, p. 45), "as narrativas serão o modo de vocês se colocarem em seus diferenciados processos. Por meio delas, poderão reconhecer as experiências que têm contribuído para sua formação e intervenção profissional. Poderão compreender os próprios sentidos e modos de ser professor".

O trabalho de transformar nossa experiência em narrativas nos traz a compreensão das nossas trajetórias acadêmicas e nossos processos de formação e aprendizado. Nossos registros nos atentam à importância das escritas do professor para seu reconhecimento, a fim de assumir a autoria de sua profissão. Essas narrativas de formação, portanto:

[...] tratam de suas experiências na educação básica, dos seus processos de formação profissional, das que marcaram suas preferências, das que foram determinantes para optar por esse curso, das que contribuem para suas opções na intervenção da escola e de situações. Falamos de você, de suas narrativas, de suas experiências de formação, de como você tem se tornado professor e de como nós articulamos coletivamente como professores de Educação Física. (VENTORIM et al., 2011, p. 44)

Utilizamos como instrumentos de registro, fotos; vídeos; anotações em diários de campo; discussões em grupo; falas e texto dos alunos; e a mídia (rede social) para enriquecer nosso material. O valor formativo de tais registros se dá no momento em que questionamos o que ocorreu em nossas aulas, revemos nossa atuação como professores e identificamos situações positivas e negativas, a fim de reconstruir nossa prática pedagógica.

3. A Educação Física como mediadora da inclusão

Buscamos no espaço-tempo do estágio, propor situações que possibilitassem aos alunos novas experiências em face das já vividas. Um fato que orientou nossa escolha por tal conteúdo, foi a nossa necessidade em consonância com Costa e Sousa (2004), de levar os conhecimentos da "Educação Física, Adaptação e Inclusão" para a realidade da escola e mobilizar reflexões acerca dos problemas sociais em torno da deficiência e da pessoa com deficiência, devido à significativa importância que a disciplina teve em nossa formação.

Na primeira aula, tivemos a preocupação de levar vivências que os permitissem brincar e explorar aquele lugar, tão comum para eles, de forma diferenciada. Propomos que eles, em duplas (um com os olhos vendados e o outro na condição de guia), explorassem os espaços da escola, fazendo atividades comuns como beber água, subir as escadas, ir até a sala, descer a rampa, com um "outro olhar", colocando-se assim no lugar de um outro que "não vê". Em seguida, eles deveriam inverter os papéis de "cego" e guia. Ainda trabalhamos nessa primeira intervenção com a brincadeira "João Bobo" e o "pega o rabinho" adaptado criado com barbante e latinha, afim de fazer com que os alunos se guiassem pelo barulho que ela fazia.

Essas atividades deixaram a turma eufórica, pois, mesmo sendo um lugar comum, os alunos falaram da dificuldade de ficar com os olhos vendados e confiar no outro, de ouvir o rabinho e a orientação do colega. Ainda assim, mostraram-se envolvidos com a proposta e entusiasmados com as diferentes formas de brincar. O resultado foi positivo desde a primeira aula, que resultou no convite da professora regente para apresentarmos a nossa proposta aos alunos da educação integral, no período da tarde.

Analisando desde o primeiro encontro o pouco tempo que teríamos na escola, buscamos um recurso tecnológico para fins pedagógicos, procurando facilitar a comunicação e transmissão de curiosidades sobre o assunto, pois "a escola como uma instituição, seus currículos, professores e profissionais da educação em geral, não podem deixar de ser

preocupar com as peculiaridades da prática educativa contemporânea. [...] Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica” (SETTON, 2002, p.2).

A partir dessa idéia, a ferramenta pedagógica utilizada foi um grupo chamado “Éber Louzada Zippinotti - 8º A”, criado em uma rede social da internet, para explorar temas que seriam trabalhados durante as aulas, usando vídeos, textos, animações, situações cotidianas, além de se configurar como um espaço de interação dos alunos com os estagiários.

Na segunda aula tivemos um duplo desafio: ter a participação de todo o grupo em face da ausência da professora da turma e ainda dar a aula de futebol de cinco⁶, modalidade pouco conhecida por nós. No contato inicial, a professora regente nos orientou que nossa preocupação deveria ser somente da regência da aula, enquanto ela ficava responsável pela participação da turma em nossas aulas. Na ausência dela, os alunos se mostraram a vontade para não participar e encontramos resistência ao trazê-los à atividade proposta. Percebemos que a postura da professora e a falta do contato inicial, ainda em sala de aula, não favoreceram a criação de uma autoridade docente, em nós estagiárias, como “[...] um lugar de referência, de possível identificação dos alunos para com o professor e, [...] no reconhecimento e na confiança recíproca” (OLIVEIRA, 2009, p.21).

Em relação ao segundo desafio dessa aula, encontramos dificuldade em trabalhar com um conteúdo que não dominamos. Ao mesmo tempo, percebemos que essa dificuldade tomava proporções ainda maiores devido às expectativas que criamos em nós mesmas de oferecer aulas cada vez mais atrativas e envolver cada vez mais os alunos na proposta, a fim de legitimá-la. Iniciamos a aula com os alunos que queriam participar e dividimos a turma em equipes. Realizamos a sequência planejada com atividades que desenvolvessem o sentido da audição e a noção de espaço, na “ausência da visão” (olhos vendados), e finalizamos com um jogo, representando o futebol de cinco. Ainda que a insegurança e a expectativa se fizesse intensamente presente no início da aula, o seu decorrer mostrou-se realizador, e os alunos se divertiram.

Nas aulas que se seguiram, propomos a brincadeira de pular corda a fim de que eles pensassem e propusessem formas de incluir diferentes pessoas, explorando deficiências. Dentro da atividade, surgiram as ideias de passar pela corda com os olhos vendados ao acompanhamento de um colega, passar com um só pé, entre outras possibilidades. Na proposta do “caranguejebol”, o objetivo era fazer eles vivenciarem outra alternativa de jogar futebol. Na brincadeira seguinte, de mímicas, resgatamos práticas corporais já vividas por eles durante a vida escolar e fora da escola com um outro olhar, apontando as possibilidades de inclusão. A mímica representou uma atividade rica e com grande potencial de desenvolvimento da nossa proposta de ensino por sua configuração, e por ser em um dia de aula em que a chuva se apresentava como o nosso maior desafio, principalmente, quando o planejado dentro do cronograma era o voleibol sentado.

A última semana seria de provas finais para alguns alunos e, para os que haviam concluído, de férias. Propomos, então, dar mais uma aula para que vivenciassem o voleibol sentado e a bocha adaptada. Muitos alunos, mesmo os que já não precisavam ir à escola, aceitaram a proposta e compareceram a aula, reconhecendo nosso trabalho. Para a vivência com a bocha adaptada, construímos as bolinhas que seriam de frescobol com papel e fita crepe. No jogo, elas deviam ser lançadas pelos jogadores sentados, a fim de discutir e problematizar a inclusão de pessoas cadeirantes na modalidade. O objetivo era aproximar as bolinhas que tinham em mãos à bola principal jogada no início da partida, assim como no jogo de bocha tradicional. Já no voleibol sentado, inicialmente, sentimos uma resistência dos alunos

⁶ Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o futebol de cinco é uma modalidade esportiva exclusiva para cegos ou pessoas com deficiência visual, sendo que o goleiro é o único em campo que não tem deficiência visual. O objetivo do jogo continua sendo fazer o gol.

pelo fato da atividade ocorrer no chão, mas mediamos a situação e conversamos sobre a proposta. Assim como na bocha, os alunos gostaram da atividade, e os que ficaram de fora e não quiseram participar no início, logo formaram um time para também experimentar. As atividades foram tão positivas que após o horário da aula, a turma queria continuar os jogos. Alguns alunos disseram que levariam a brincadeira da bocha adaptada para momentos além dos muros da escola.

Não podemos deixar de ressaltar a presença na turma de uma aluna com deficiência em uma mão que ela se isolou em nossas aulas. O pouco tempo na escola nos permitiu, na tentativa de trazê-la para as aulas, apenas uma aproximação da aluna, pois sempre havia justificativas para não participar, baseadas em um histórico de momentos frustrantes nas aulas de educação física. Ainda que a situação nos incomodasse e buscássemos soluções, Sassaki (2006) alerta que a inclusão se caracteriza como “[...] um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (p.39-40). Como esse movimento deu-se de forma unilateral, a inclusão não se concretizou.

A respeito da questão que nos colocamos a responder neste trabalho acerca dos desafios e das possibilidades de trabalhar o conteúdo “brincadeiras e esportes adaptados” durante o estágio em nossa formação docente, compreendemos que a falta de materiais específicos, a pouca experiência em desenvolver um conteúdo que não é comum no contexto escolar, a participação total dos alunos nas aulas e o tempo reduzido do estágio na escola para desenvolver uma proposta preocupada em refletir sobre a temática inclusão se apresentaram como desafios nessa realidade específica. Em contrapartida, as possibilidades se apresentaram com o desenvolvimento do conteúdo a partir de estratégias pensadas durante o planejamento para o alcance dos objetivos propostos, enriquecendo nossa formação docente, e com a materialização da proposta evidenciada nas respostas dos alunos, em cada aula, ao propor soluções e ao refletir sobre cada experiência.

Destacamos aqui três falas de alunos que nos dão pistas desses impactos gerados, de forma pontual, quando diz respeito à importância da proposta de ensino na vida deles, a partir das vivências nas nossas aulas:

Foi bom porque vivemos coisas bem diferentes do que já tivemos na educação física.
(ALUNA ALICE)

Foi importante porque pudemos ver que outras pessoas, além das ditas “normais”, também podem fazer a educação física. (ALUNO EDWARD)

Claro que sim [há importância]. Desde quando somos crianças buscamos uma maneira de brincar de forma que todos os colegas participem. As coisas mudam, mas o princípio é o mesmo: ninguém pode ficar de fora. As deficiências, sejam físicas ou mentais, são só um dos tipos que levam a adaptação. As coisas nem sempre estão explícitas, pode ser aquele menino tímido, ou a menina que machucou o pé dois anos atrás e nunca mais tentou jogar, que levam o senso comum a se adaptar. Isso é muito mais comum em crianças. Na adolescência isso some. Surge um sentimento individualista, que começa no silêncio dos colegas enquanto um leva esporro e termina quando a própria professora pede para ignorar o aluno especial quando ele começa a gritar. A prática do conteúdo de esportes e brincadeiras adaptados me ajudou a reviver esse sentimento comunitário que eu quase perdi por completo. A sociedade de maneira geral é extremamente individualista, e se não trabalharmos duramente contra isso na escola, que é único ambiente que poderia (teoricamente) mudar isso, as minorias serão cada vez mais tratadas com indiferença e até mesmo com desprezo, caso interfira na vida e no conforto das pessoas “normais”, como por exemplo, as vagas exclusivas para cadeirantes.
(ALUNA BELLA)

A fala da aluna *Bella* traz uma reflexão importante do nosso papel na sociedade e ainda confirma a ideia apontada por Amaral (1998) da necessidade de mudança da postura individual para se revelar em uma mudança coletiva ante à mentalidade hegemônica.

Percebemos o ampliar do nosso olhar sobre a temática da inclusão e pensamos que o espaço escolar pode ser um momento de aprendizado e de reflexão sobre a deficiência, a pessoa com deficiência e a sua relação com a sociedade. As aulas de educação física se apresentam como um lugar potencial para provocar a necessidade de se desconstruir a visão negativa, pejorativa, que ainda se tem sobre a pessoa com deficiência, e de se vivenciar as diferentes possibilidades de se brincar e jogar. E para além disso, segundo Chicon e Sá (2010), “não podemos perder de vista nosso foco primordial, ou seja, a busca constante por se pensar/produzir não somente para os alunos com deficiência mas, sim, para todos os alunos, novas/diferentes formas de organização escolar que nos possibilitem reverter o formato excludente de ensino vigente, com vistas a uma sociedade mais inclusiva” (p.12).

4. Considerações finais

A produção deste artigo nos proporcionou um momento formativo importante, pela “[...] importância da pesquisa e da reflexão como dispositivos importantes na construção de novos saberes” (AROEIRA; ALMEIDA, 2012, p.9).

No processo de narrar nossa experiência do estágio, tivemos a oportunidade de nos colocar em reflexão sobre a nossa prática ao pontuar os desafios que se apresentaram naquela realidade específica. Ao tratar da relevância do conteúdo no contexto escolar, percebemos a responsabilidade da escola de aproximar os alunos de situações sociais, levando-os a refletir sobre o papel de cada um na sociedade.

Vimos, a partir dessa experiência, que não devemos temer de colocar nossas ideias e propostas em prática. A educação física tem um enorme acervo de conteúdos muito além dos esportes coletivos, os mais comuns nas práticas escolares. Quando falamos de inclusão, podemos mostrar as possibilidades para que as aulas de educação física passem a ser para todos. Certamente foi uma experiência que levaremos na nossa formação, e a partir dela, buscaremos sempre nossa autonomia para podermos propor novos conhecimentos e ideias, a fim de fazer com que nossos alunos tenham conhecimento de diferentes conteúdos inseridos na educação física.

5 Referências

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

AROEIRA, Kalline Pereira; ALMEIDA, Maria Isabel de. Estágio supervisionado e possibilidades formativas na construção/reconstrução de saberes docentes. In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 16., 2012, Campinas. **Anais...** Unicamp – Campinas: ENDIPE, 2012.

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva. **Metodologia do ensino de Educação Física**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Modalidades**: futebol de cinco. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/portfolio/futebol-de-cinco/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cien. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

FUNKE-WIENEKE, Jürgen. O que dizer sobre “aprendizagem social” no ensino de movimentos e na educação física, e o que podemos alcançar com ela. In: KUNZ, Elenor, TREBELS, Andreas H. (Org.) **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2006, p.49-74.

OLIVEIRA, Adriana Dias de. **Violência escolar: verso e reverso das sociabilidades contemporâneas**. PNUD. Brasil, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: WWA, 2006.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. v. 28, n. 1. São Paulo, Jan./Jun. 2002.

VENTORIM, Silvana et al. **Estágio Supervisionado 1**. – Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011.